

Pessoas da cidade revelam em prosas e versos os encantos da cidade, dos sobradões e dos azulejos

Declarações de amor a São Luís

SÃO LUÍS

São Luís completa hoje 387 anos. E O Imparcial contabiliza 73 anos de uma relação de amor com esta cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, alertando as autoridades sobre eventuais descasos com sua enamorada, apontando-lhe bele-

zas, descrevendo suas situações cotidianas, exaltando seus filhos, construindo a cada dia sua história, com informações sérias, credíveis e atuais.

E essa relação de amor é acompanhada de perto pelos milhares de leitores que fazem questão de ter O Impar-

cial em suas casas todos os dias. E são alguns deles que vão hoje declarar o quanto é importante estarem inseridos no contexto dessa relação. Afinal, declarar amor a São Luís é estar desejando que ela continue eterna e tão soberana com seus sobrados e azulejos.

São Luís, querida! - Como é bom hoje poder recostar-me ao teu seio, ou nos teus braços? Onde tu achares melhor. Acho que só em estar perto de ti, já estarei bem acomodado, porque assim posso andar à vontade nas ruas da paz, do sol, e nessas que têm inveja, das ruas que têm hortas e alecrim; oh travessas, ruelas infundas, pejudas de perfumes e de gentes, quero também palmilhá-las nas manhãs que trazem o vento da Praia Grande; quero andar pelas velhas calçadas de pedras de cantaria, que no silêncio do inexorável tempo, cantarolam as músicas nostálgicas dos portugueses, franceses, holandeses, africanos... posso ver os azulejos do casario colonial que antanho cruzaram o Atlântico pelas mãos dos lusitanos; vou tomar os becos comprimidos, e seguir caminhando pela Rua Grande, e vou me misturando no fervilhar da multidão, ouvindo os babélicos pregões do comércio sedutor; depois deço na Rua Rio Branco, e lá no final, deparo-me com o Gonçalves Dias - olhar fixo no mar, acho que se procurando - encarapitado na palmeira, que dantes adejava o sabá, mas hoje o vate maior da Canção do Exílio, ouve os cânticos dos

pardais e os sinos que bimbam no campanário da Igreja dos Remédios; sim, sabias que os sabiás estão quase extintos por cá? Ah! mas como é bom te rever São Luís! Da sacada próximo ao Palácio dos Leões, onde tudo começou com Daniel de La Touche, no início do século XVII, posso observar o bairro São Francisco, que deveria ser chamado Bela Vista, pelo traço belo e magistral que o sol desenha as tardes vistas da Beira-Mar; sem-bairrismo, mas ali descortina-se um quadro paisagístico sem igual, onde o sol mortiço, o céu nimboso e a água mansa, paralisam o tempo para o close dos pequenos barcos de pescadores que singram pachorrentamente nas águas calmas do nosso mar, esse mar benévolo, que abraça longamente com ternura a Ilha Upaon-Açu; São Luís, estou pronto para ter ver todos os dias, quero ouvir os acordes dos atabaques e das matracas nas festas juninas, sob os passos cadenciados dos batalhões do Bumba-Boi; enfim, eis-me aqui Ilha Querida, ciceroneia-me, e ensina-me a recitar os versos de Tribuzzi...

E. Lopes, Bacharel em Direito, Cronista Bissexto

8 de setembro de 1999

Oh! minha cidade
Deixa-me viver
Que eu quero aprender
A tua poesia
Sol e maresia
Lendas e mistérios
Luar das serestas
E o azul dos teus dias

Quero ouvir à noite
Tambores do canto
Gemendo e cantando
Dores e saudades
A evocar martírios
Lágrimas e açoites
Que floriram claro
sóis da liberdade

Quero ler nas ruas
Fontes cantarias
Torres e mirantes
Igrejas, sobrados
Nas lindas ladeiras
Que sobem a angústia
Sonhos do futuro
Glória do passado

Louvação de São Luís
(Bandeira Tribuzzi)